

Leitura na escola – reflexões pedagógicas sobre os processos de formação de leitores e escritores na educação infantil, jovens e adultos.

Diogo Vieira do Nascimento¹(UERJ/EDU)

Fabiana da Silva² (UERJ/EDU)

Eixo Temático 1 - Leitura é problema de quem?

Resumo

Este trabalho tem como objetivo construir uma reflexão - a partir de uma narrativa de um processo de formação de leitor - sobre a questão da leitura na atualidade, bem como sobre as formas de construir hábitos de leitura em crianças, jovens e adultos durante os processos de escolarização. Defendemos que nos processos de formação de leitores e escritores é essencial a presença da Biblioteca escolar, pois é por meio dela que poderemos disseminar o hábito da leitura para a construção de cidadãos autônomos, participativos e transformadores da realidade. No que diz respeito à escola, defendemos também a literatura nos processos de formação dos leitores, pois é a partir desta e em articulação com a Biblioteca escolar que teremos a possibilidade da construção de bons hábitos de leitura e escrita em crianças, jovens e adultos. Assim, a escola em articulação com a biblioteca escolar tem um papel fundamental no incentivo à leitura para uma educação de qualidade, crítica, transformadora e como ato político para a emancipação social.

Introdução

Este trabalho visa fazer uma reflexão - a partir da narrativa de um processo de formação de leitor - sobre a questão da leitura na atualidade e como construir hábitos de

1 Graduando em pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em letras: português-francês na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/UERJ) e integrante do grupo de pesquisa “Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar”. E-mail: diogovieirauerj@yahoo.com.br.

2 Graduanda em pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista de Iniciação Científica (FAPERJ) e integrante do grupo de pesquisa “Narrativas, Memórias e Atualização Identitária em Contextos Educativos” E-mail: fofuxoster@gmail.com.

leitura em crianças, jovens e adultos durante os processos de escolarização.

Defendemos que nos processos de formação de leitores e escritores é essencial a presença da biblioteca escolar, pois é por meio dela que poderemos disseminar o hábito da leitura para a construção de cidadãos autônomos, participativos e transformadores da realidade. Na escola, defendemos também a literatura nos processos de formação dos leitores pois a partir desta e em articulação com a biblioteca escolar que teremos a possibilidade da construção de hábitos de leitura e escrita em crianças, jovens e adultos. Começaremos citando a narrativa de um processo de formação de leitor.

Não sei necessariamente se hoje sou um autêntico leitor. Só tenho em minha memória que desde pequeno, quando era criança, não possuía o hábito da leitura. O meu interesse pela leitura só veio a acontecer quando ingressei no ensino médio e posteriormente na universidade. O meu processo de formação de leitor não ocorreu por um estímulo muito positivo. Lembro que aprendi a gostar da leitura por ocasiões um pouco oportunistas como a obrigação de ler um livro para fazer um prova etc. Hoje, que estou na universidade, sei que o meu processo de formação de leitor foi um tanto conturbado, porém tenho consciência que hoje eu aprecio a leitura e sou fanático por ela. (Letícia, 20 anos)³

A importância da leitura

Segundo Paulo Freire (1981), o ato de ler é importante, pois demonstra uma maneira particular de ler o mundo. A maneira como enxergamos o mundo se modifica quando adquirimos o hábito da leitura, pois a leitura verdadeira é a que relê a realidade, ou seja, revela uma visão crítica sobre o mundo. A leitura do mundo não surge com a prática de leitura de textos, a leitura do mundo como dizia Paulo Freire (1981) antecede a leitura da palavra. Assim, antes mesmo de alguém ler uma palavra, já existe uma leitura de mundo que irá basear a leitura da palavra.

Já disse Orlandi (1996) citando Rimbaud “que todo texto pode significar tudo, há uma determinação histórica que faz com que só alguns sentidos sejam 'lidos' e outros não”. Com isso, podemos entender que essa determinação histórica é a cultura que transforma nossos olhos em grandes lentes no qual enxergamos o mundo. A leitura de um texto é uma releitura de realidade, pois já possuímos uma leitura de mundo que

3 Nome e idades fictícios.

antecede a leitura da palavra e depois fazemos uma releitura crítica da realidade.

Um bom processo de formação de leitores é aquele em que a criança já é estimulada desde pequena a ouvir e ler as palavras. A leitura deve ser uma nova tomada de visão. A criança precisa ler e compreender o que se está lendo. E compreender um texto requer uma releitura do mundo em que o sujeito possa fazer relações entre o texto e o contexto. Ou seja, entre o que está sendo lido e o mundo.

Um processo de formação de leitor começa com um qualificado processo de alfabetização. E acreditamos que o mais adequado é aquele que trabalha com a realidade dos alunos como afirma Freire (1981). A alfabetização deve se dar com palavras que fazem parte do cotidiano dos estudantes, da vida deles. Assim, o processo de alfabetização faz sentido para o estudante e a leitura da palavra se torna mais interessante. Paraphrasing Freire (1981), a leitura da palavra não é somente a leitura precedida do mundo, mas é uma forma de escrevê-lo ou reescrevê-lo. Uma forma de transformar as práticas conscientes. Com isso, temos que a alfabetização é um movimento dinâmico em que o educador não pode impor o que será lido pelo estudante, mas sim, o estudante deve criar a sua escrita através da sua leitura de mundo. Eis o momento único de criação do estudante.

A importância da biblioteca escolar para o incentivo à leitura

Uma biblioteca não tem sentido sem escola e nem escola tem sentido sem a biblioteca. Os dois se complementam e são os instrumentos de incentivo à formação do leitor. A escola precisa usar a biblioteca para a disseminação e incentivo à leitura.

Embora saibamos que existe no mundo contemporâneo uma hipertrofia e uma hipervalorização das tecnologias das imagens que coloca os conteúdos e conhecimentos por disseminação em forma de imagens; sabemos disso, e a maioria dos conteúdos e conhecimentos existentes hoje são de forma escrita. Vários autores que trabalham com a leitura como prática social sinalizam que o discurso prevê que o livro será extinto. Esse discurso de que o livro irá entrar em extinção não tem fundamento. A escola deve utilizar desses novos recursos se for necessário e servir como instrumento educativo. Agora, os livros são essenciais pois a leitura e escrita são maneiras de pensar, criticar e transformar a realidade.

O acesso à leitura transformou-se em acesso à escola, pois ela fornece as bases para a escrita. Assim, o ato de ler e escrever subordinou-se aos objetivos da escola. Porém, sabendo que a escola não é desarticulada do contexto social, essas imposições são de âmbito maior - das políticas educacionais para o país. Assim, entendemos que o problema não está somente na escola, está no governo e nas políticas educacionais. Pois, vemos que uma sociedade letrada, é mais crítica e participativa. Porém, essas políticas necessitam do conjunto da sociedade incluindo os educadores. Não podem ser pensados de forma arbitrária sem a participação dos profissionais. Da forma como as políticas se dão hoje vemos as conseqüências nas salas de aula.

Uma sociedade letrada é mais consciente e crítica. Assim, se expressa melhor e é menos manipulável pelo governo. Por isso, as políticas educacionais não privilegiam a leitura e escrita. Sabemos que ler e escrever segundo Paulo Freire (1979) é uma prática de liberdade, pois quando lemos à palavra estamos relendo o mundo e quando escrevemos estamos criando. E, quando alguém cria, a prática de liberdade está posta. Para amenizar a realidade em que nos encontramos é preciso o investimento em bibliotecas. Essa luta deve ser travada pelos educadores, pois com o incentivo à leitura podemos sair de um estado de alienação social. A luta pela implantação das bibliotecas deve ir além do caráter cultural. Deve ser um ato político porque precisa transformar a realidade no qual estamos inseridos que é de profunda não criticidade.

A abertura e manutenção das bibliotecas deveria ser uma responsabilidade do Estado. Já que isso não acontece, convivemos com um dos menores índices de leitura do mundo. Assim, o que fazer? Os educadores, na atual conjuntura, estão reproduzindo as imposições do governo e os currículos arbitrários. Mas a luta não deve ser essa, a luta deve ser pela implantação de uma biblioteca escolar em conjunto com todos os sujeitos escolares e sociedade civil. Ou ainda, podemos pensar numa luta macrossocial que seria ir contra ao sistema neoliberal vigente e lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

É necessário antes de qualquer coisa uma reflexão do trabalho e da prática pedagógica. Pois sabemos que uma biblioteca escolar é um espaço privilegiado de construção do conhecimento. Além de ser um espaço onde todos os sujeitos escolares podem interagir. Porém, não adianta somente uma biblioteca com objetivos que não seguem o incentivo à leitura e à crítica. Temos que construir uma biblioteca que trabalhe em conjunto com todos os sujeitos escolares e sociedade civil. Mas, sobretudo,

precisamos pensar na melhoria do ensino e formação de professores. Sendo assim, não sairemos da alienação em que vivemos. Por melhoria do ensino e formação de professores entendemos uma formação questionadora e transformadora da realidade social.

A escola não é lugar de alienação, é lugar de prática da liberdade. Os educadores e sociedade civil precisam juntar esforços para a luta por uma mudança nas práticas educativas. Essas mudanças devem ser libertadoras e transformadoras da realidade. Para que essa revolução qualitativa do ensino aconteça é necessário que todos os sujeitos escolares e sociedade civil se unam para a melhoria verdadeira do ensino, incluindo a luta pelas bibliotecas escolares. Porém, para isso, a luta é constante e demanda esforço, vontade, participação e cooperação de todos. Não se pode fraquejar pois assim estamos a mercê das imposições da ideologia dominante. Enfatizamos a biblioteca escolar na luta por uma qualidade do ensino, porque é a partir dela que encontramos um espaço de cultura, literatura crítica e criações. Assim, a biblioteca escolar se constitui como um grande instrumento de mudança da alienação social. Porém, trabalhar com a biblioteca escolar não é fácil e demanda muito suor e esforço. Primeiramente, temos que vencer o desafio do livro que por conta do capitalismo tornou-se caro e não visto como um investimento. Isso também pela transformação da educação em mercadoria. Essa luta é grande, é política e precisa da participação de todos.

Caminhos possíveis na formação de bons leitores e escritores

Na formação do leitor, acreditamos que um bom caminho é a literatura. A literatura mostra toda uma cultura e demonstra inúmeras formas de enxergar a realidade. O bom texto é aquele que não só compreende a realidade, mas aquele que a transforma. Assim, a leitura deve se dar como um tecido de significados. A leitura deve promover uma rede de significados e significações para que o leitor possa ser capaz de produzir, criar e inventar outros significados. A literatura é um bom caminho para esse processo pois é fator indispensável de humanização e confirma o homem na sua humanidade. Mas, do que dizer de outras formas de leituras da contemporaneidade? Esta instaura várias formas de leituras, porém a mais importante delas são as leituras das imagens. O leitor contemporâneo está cercado de formas de leituras que vão além dos livros. O que

é importante destacar é que a leitura não deve ser memorização ou reprodução, menos ainda somente informação. O que o processo de globalização traz são leituras que giram em torno de informações que não estimulam a criação e a crítica dos leitores. A leitura deve ser um processo de liberdade do leitor. Ele deve ser capaz de não apenas interpretar e compreender um texto, contudo de transformar a realidade na qual ele está inserido.

Assim, não negamos outras formas de leituras, pelo contrário, não somos a favor de leituras que não estimulam a criação e a releitura crítica da realidade. Por isso, acreditamos na literatura nos processos de formação de leitores e no incentivo à leitura de crianças, jovens e adultos.

Muitas vezes, a literatura é vista como obsoleta e não é utilizada nos processos de formação de leitores. Isso acontece pelas diferenças no ensino da literatura. A literatura, nos contextos escolares, é trabalhada completamente dissociada do contexto histórico e da realidade dos estudantes.

O ensino da literatura se resume ao estudo da periodização literária e não da leitura de livros literários. Assim, as produções literárias não fazem sentido para os alunos.

O papel da escola é o de incentivadora do ato de leitura. Ela, além de formar o leitor, deve sempre trabalhar com a leitura. O ensino deve ser pautado sempre na criação e na crítica da realidade. No Brasil, temos uma porcentagem muito pequena de leitores assíduos e, muitas vezes, isso afeta o aprendizado e desenvolvimento dos estudantes na escola. Por isso, a escola deve pautar os processos de ensino-aprendizagem sempre na leitura. Assim, facilita o aprendizado pela autonomia e crítica da realidade que a leitura proporciona e ajuda no incentivo à leitura daqueles que ainda não possuem simpatia por ela. Acreditamos que somente com a leitura, poderemos educar cidadãos autônomos, críticos e transformadores da realidade. É através da leitura, em sua rede de significados, que podemos reler a realidade e transformá-la. A leitura pela memorização e pela reprodução forma somente leitores. A leitura pela crítica da realidade forma leitores autônomos e transformadores do meio que estão inseridos. E, por isso, a Biblioteca escolar deve estar sempre presente no processo de formação de bons leitores e escritores.

Conclusão

Este trabalho procurou fazer uma reflexão da narrativa de um processo de formação de leitor e, a partir dele, fazer uma reflexão sobre a leitura e o papel da Biblioteca escolar na construção de hábitos de leitura e, ainda, visou problematizar o papel da escola nos processos de formação de leitores e escritores crianças, jovens e adultos. Concluímos que a leitura é essencial para a construção de sujeitos ativos, participativos e transformadores da realidade. Os processos de alfabetização e de leitores devem ser atos políticos. Atos de participação, crítica e de transformação. Como defendia Freire (1981), a leitura do mundo antecede a leitura da palavra e a leitura da palavra é a continuidade e releitura da leitura do mundo. Assim, a escola em articulação com a Biblioteca escolar tem um papel fundamental no incentivo à leitura para uma educação de qualidade, crítica, transformadora e como ato político para a emancipação social.

Bibliografia:

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1988, p. 11-21.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ORLANDI, Eni P. A polissemia da noção de leitura. In: *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996, p. 7-12.

SILVA, Ézequiel Theodoro. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre, Mercado Aberto: 1986, p. 133-145.

SOARES, Magda. Que pode fazer a escola? In: Soares, Magda. *Linguagem e escola:*

uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1993, p. 66-79.